

Ana Duarte Baptista Pereira

OS BOMBEIROS DE CARCAVELOS e a sua Freguesia

CONTRIBUTOS

PARA O SEU ESTUDO [1911-1961]



Os Bombeiros de Carcavelos e a sua Freguesia

**Contributos para o seu estudo
1911-1961**

Ana Duarte Baptista Pereira



Os Bombeiros de Carcavelos e a sua Freguesia

**Contributos para o seu estudo
1911-1961**

AGRADECIMENTOS

Ana Varela
Ana Ximenes
António José Fonseca (Pescadinha)
António Leitão
Arnaldo Duarte
Bernardo Costa
Carlota Tavares de Almeida Lagoa
Cidalina Ferreira
Cristina Maria Laginha Santos Antão
Fernando Germano Rola
Florentina Costa
Glória Reino
Guilherme Rodrigues de Bastos
Isabel Nunes
Joaquim António Duarte Calhamar
José Conde
José Leandro Faustino
José Manuel da Silva Soares de Castro
Júlio Conrado
Licete Sequeira
Maria de Lourdes Duarte Pereira

Maria Emília dos Anjos Rodrigues
Madalena Sá Pessoa
Manuel de Sales
Manuel Maldonado Cordeiro
Manuel Martins
Manuel Pedro Buga Varela
Manuel Silva
Maria Adelaide Rola
Maria do Carmo Belmonte
Maria Eduarda Sabino Pombo
Maria Fernanda Nunes
Maria Gabriela Rola
Maria Guilhermina Santos
Maria Júlia
Teresa Noronha
Teresa Rogeiro
Victor Damião

PREFÁCIO

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Carcavelos e São Domingos de Rana comemora este ano cem anos de uma vida de esforço e dedicação em prol das comunidades que serve.

Os bombeiros de Carcavelos e São Domingos de Rana são gente com história, gente com grandes estórias que merecem ser perpetuadas e por isso este livro que agora se dá à estampa, numa edição desta associação que conta com o apoio da Câmara Municipal de Cascais, é a obra aguardada e uma justa homenagem a esta instituição.

Quisemos que fosse um trabalho bem estruturado, profusamente ilustrado e de leitura agradável. Pensamos que o objetivo foi alcançado. A obra que agora se edita é uma concretização feliz fruto de um trabalho diligente e sagaz de recuperação da memória histórica desta associação.

Está de parabéns a Dr.^a Ana Duarte Baptista Pereira por este magnífico contributo que nos transporta ao passado. Não a um passado nostálgico mas a um passado que, acima de tudo, recorda e retrata uma instituição, as vivências humanas e as memórias da comunidade local.

O presente volume é um verdadeiro retrato detalhadamente colorido dos primeiros 50 anos de presença dos bombeiros em Carcavelos. Uma recolha fiel do quotidiano carcavelense e desta associação. As paixões e os ódios, os episódios, as lutas e intrigas, as alegrias e

conquistas da comunidade local e, naturalmente, os momentos vividos de forma intensa pelos soldados da paz, pelos corpos dirigentes e associados são aqui relatados de uma forma quase fílmica que nos envolve e apaixona. São pedaços vivos e pitorescos do século XX, de um passado que se vai diluindo veloz no tempo e na memória.

Para dar a conhecer a história dos bombeiros a autora falou de Carcavelos, das suas quintas e das pequenas casas e *villas*, dos seus moradores notáveis e visitantes ilustres, dos indigentes, comerciantes e habitantes anónimos. Relata o engenho e arte das diferentes direções na sobrevivência face aos sempre poucos recursos, a abnegação dos heróis anónimos civis e fardados bem como o empenho de toda a comunidade nesta nobre causa.

Do passado ao presente, encaramos agora o futuro com outros olhos conscientes de que a história por vezes é cíclica, as pessoas passam mas a associação e sua memória permanecem.

Exaltemos a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Carcavelos e São Domingos de Rana e todos os que contribuíram para o seu engrandecimento!

Carcavelos, 9 de maio de 2011

Glória Reino

Presidente da Direção da AHBVCSDR

O MOTIVO E O PRETEXTO

Pesquisar a história da Associação dos Bombeiros Voluntários de Carcavelos não foi tarefa fácil. A documentação é escassa em termos de arquivo e o que de mais fidedigno encontramos foram as atas das reuniões e os testemunhos das pessoas que nasceram, vivem ou escolheram esta freguesia do concelho de Cascais para morar, embora não tenham aqui nascido.

Só falar da corporação de bombeiros pareceu-nos pouco, pois queríamos contar uma história aos leitores, quer eles estivessem ligados ou não à associação. Desejámos portanto envolver esta instituição humanitária num cenário real: a freguesia de Carcavelos, porque os bombeiros eram parte desse território povoado de história e vivências quotidianas que eram de todos, visto a população ser tão diminuta no ano em que tudo começou para esta associação.

O «bombeiro voluntário» é aquele que de forma graciosa se entrega a socorrer as populações que deles necessitam em caso de sinistros ou desastres, catástrofes, etc. As associações humanitárias de âmbito local, como é a Associação dos Bombeiros Voluntários de Carcavelos, são financiadas pelos seus sócios, por peditórios à população, subsídios das entidades e a angariação de fundos através de atividades de cariz cultural e lúdico.

A informação contida nas atas e nos testemunhos era tanta que resolvemos realizar dois volumes: um de 1911 a 1961 e outro de 1961

a 2011, ou seja, 50 anos de história em cada volume e que de alguma forma relatam dois períodos com uma organização diferente. A história destes heróis é narrada não só pela leitura das atas mas também pelos testemunhos dos que viveram lado a lado com eles, pertencendo ou não às direções ou ao corpo ativo.

O livro é um contributo para o estudo da associação mas também da vida quotidiana da freguesia desde 1911 a 1961 (I Volume), sendo no II Volume narrada a história da mesma associação de 1961 a 2011, assim como integramos nesse texto a vida dos desportistas da freguesia que tantas glórias lhe deram.

O nosso objetivo principal era compreender as dificuldades, os problemas, os sucessos e os fracassos da gestão de uma associação com tão fracos recursos. Como viveram as mudanças políticas e as diferentes diretivas oficiais em Carcavelos, como conseguiram ultrapassar a falta de meios? Após a leitura das atas e outros documentos assim como a partir dos testemunhos dos habitantes ficámos com uma profunda admiração por estes «soldados da paz», verdadeiros heróis, dando uma boa parte da sua vida em função do bem comum e pelas suas direções, que nunca se deixaram abater pelas dificuldades, procurando na comunidade e nas instituições locais e nacionais os apoios necessários e gerindo-os até à minúcia. É sem sombra de dúvida a tradução do verdadeiro trabalho humanitário que estas pessoas realizaram.

Mas era necessário também compreender as relações de vizinhança, quem eram os protagonistas de uma freguesia tão pequena modelada por frondosas quintas, com um centro histórico cheio de vida e estabelecimentos variados que colaboravam com muita afetividade com os seus bombeiros, assim como com a Sociedade Recreativa, o Grupo Sportivo que deu à freguesia grandes glórias no desporto, o Cabo Submarino, o médico, a professora, o regedor, o farmacêutico, enfim, todo um conjunto que integrou e fez com que a corporação fosse um local de ajuda constante. Para compreendermos tudo isso foi necessário entrevistar um conjunto de habitantes na casa dos 65 aos 95 anos, que foram informantes privilegiados porque assistiram a toda a narrativa que nos deu tanto prazer realizar e sem a ajuda deles não seria possível contextualizar as diferentes épocas nas quais os bombeiros desenvolveram a sua ação. Deste modo, permitiram que este volume e o outro que se

seguirá sejam plenos de vivências e contassem uma história verdadeira, de paz, de solidariedade, e que fossem um verdadeiro exemplo para os bombeiros que no presente representam a associação e possam ter um grande orgulho no seu passado, na sua história e na sua identidade.

Queríamos, no entanto, dizer que este livro não seria possível sem a imprescindível colaboração da grande amiga Sr.^a D.^a Licete Sequeira, uma figura incontornável na freguesia de Carcavelos, pois, desde muito cedo, ela e o seu marido, o saudoso António Sequeira, deram à comunidade uma colaboração muito válida em termos culturais e associativos. A Licete Sequeira recolheu algumas das fotos para este livro e contactou os munícipes de Carcavelos para as entrevistas que foram feitas. Este livro também lhe pertence. Agradecemos também à Sr.^a D.^a Ana Varela que compilou tudo o que existia na associação dos bombeiros, recolheu as fotos aí existentes e esteve sempre de uma forma disponível para a realização deste livro, ao senhor comandante Varela, que me foi buscar a casa e me levou para os bombeiros ou então para os locais a que eu necessitava deslocar-me para entrevistar pessoas ou consultar documentos, sempre acompanhado da Sr.^a D.^a Licete Sequeira, à Sr.^a Dr.^a Glória Reino que sempre colocou à nossa disposição as atas para consultarmos e todo o material existente no arquivo dos bombeiros, assim como leu o texto e apresentou sugestões, ao Sr. Dr. António Leitão, que desde o início apoiou este livro e acompanhou a sua edição e a todos os antigos bombeiros, comandantes, membros da direção e habitantes que nos receberam em suas casas ou no quartel e durante algumas horas nos falaram desta freguesia, recorrendo às suas valiosas memórias de um passado distante mas saudoso, nomes que estão assinalados no final deste volume e que dizem respeito à história da associação de 1911 a 1961. Outros nomes aparecerão no II Volume.

E, *last but not the least*, à minha querida filha Marta que acompanhou este livro, ajudando-me imenso tanto em apoio informático como moral.

Terminamos este texto com uma frase de um grande pensador que de alguma forma resume a atitude destas direções, comandantes e corpo ativo de que trata este I Volume: *Alguns homens veem as coisas como são, e dizem: Porquê? Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo: Porque não?* (Bernard Shaw.)

1911 A 1925

Carcavelos, em 1911, era uma vila pacata com 185 fogos que totalizavam uma população de 969 indivíduos, sendo 264 oriundos de outros concelhos fora do distrito de Lisboa¹. Pela freguesia de Nossa Senhora dos Remédios desde remotas datas tinham passado figuras de grande relevância política, social, religiosa e cultural. Estas liderantes personagens da sociedade portuguesa do século XVII a XIX mandaram construir palacetes em terrenos de grande extensão, comprados pelos próprios ou doados pelo rei, que hoje são lembrança de um passado que dá nome aos bairros que os substituíram no espaço e na memória daqueles que os conheceram, com as suas esplendorosas vinhas das quais se fez um afamado néctar, denominado vinho de Carcavelos. Este encantou os ingleses, que lhe chamaram «Lisbon Wine», para não ser confundido com «Port Wine». Em 1911 produzia-se este vinho em grande quantidade principalmente na Quinta da Alagoa e na Quinta do Barão. As quintas como a de Paulo Jorge, Cartaxeira, S. Gonçalo, Samarra e outras, cuja produção tinha sido afamada no século XIX, após a morte dos seus proprietários, deixaram de fazer vinho ou diminuíram o seu labor nesta fabricação.

¹ Censos da População de Portugal (Dados do INE), Lisboa, 1 de dezembro de 1911.

Quanto às atividades económicas em 1911, segundo o *Anuário Comercial*², havia 1 alfaiate, 2 bombeiros permanentes, 3 capelistas e fanqueiros, 3 casas de pasto, 4 comerciantes, 1 farmácia, 1 latoeiro, 4 lavradores, 1 médico, 5 mercearias, 2 padarias, 1 sapateiro, 1 talho, 3 vinhos (pensamos que talvez sejam comerciantes de vinho) e 3 vinicultores. Como podemos verificar, a produção e comercialização de vinho era a atividade mais significativa da freguesia. «*Carcavelos era muito pequena quando eu era criança. Recordo-me do Dr. Marques da Matta que era um médico importante, o Sr. Eduardo Maria Rodrigues que era presidente da direção dos bombeiros. O comércio era todo um ao pé do outro, o Sr. Duarte da drogaria, a capelista da D. Eleutéria e ao lado a mercearia do Adelino e na esquina, onde hoje é a sapataria Pierrot, a taberna Raúl, o Sr. Pereira era da Farmácia Central, a Primavera do Sr. Ribeiro Duarte, da irmã e da sobrinha. A tia Palmira tinha uma leitaria chamada Pina em frente à igreja, eu tinha um postal em que mostrava que no sítio do triângulo era uma ribeira. Onde hoje é o Montepio ficava o talho do senhor Manuel Torrado. Em frente da Farmácia Central eram as traseiras da sociedade, aí era tudo campo e a nossa mãe punha a roupa a corar nesses campos. Eu via irem pastar perus à Fonte da Aldeia onde antes tinha existido um campo de trigo. O Sr. Manuel da farmácia dava injeções, a D. Lelé também dava muitas injeções e morava numa casa pombalina na Travessa do Rossio. O Sr. Arrais era dono da manteigaria e comprávamos muita coisa ao Sr. Américo que vendia numa carroça na rua, enfim eram outros tempos.*»³

Este testemunho de duas idosas senhoras, nascidas e criadas em Carcavelos e ainda aí residentes, é uma fotografia de uma paisagem rural, de vizinhança próxima, onde todos se conheciam e frequentavam os mesmos lugares para fazerem as suas compras domésticas.

O regedor era Manuel Rodrigues do Nascimento Mota⁴, Joaquim de Azevedo o encarregado da Estação Telégrafo-Postal de 4.^a Classe e

² Henriques, João Miguel, *Cascais – Do final da Monarquia ao alvorecer da República (1908-1914)*, Edições Colibri, Câmara Municipal de Cascais, Lisboa, 2001, págs. 113-114.

³ Testemunhos de duas informantes de 89 e 85 anos, nascidas e criadas em Carcavelos.

⁴ Henriques, João Miguel, *Cascais – Do final da Monarquia ao alvorecer da República (1908-1914)*, Edições Colibri, Câmara Municipal de Cascais, Lisboa, 2001, págs. 113-114.

Fernando Quaresma o distribuidor⁵. «O primeiro edifício dos correios foi numa casa que era do meu avô, na rua 5 de Outubro, tinha até a coroa da monarquia na caixa. Um dia o chefe dos correios tratou mal o meu pai, os dois discutiram e ele foi fazer queixa ao meu avô, dizendo que ia mudar de casa. O meu avô chamou o meu pai e disse-lhe: – Então vamos perder um inquilino? O meu pai respondeu, pois vou ser eu a alugar a casa e a pagar os cinco escudos de renda. Ficou lá até morrer e eu nasci nesse antigo edifício dos correios.»⁶

Em Carcavelos existia a estação do Cabo Submarino, instalada na Quinta Nova. Edward Vicente Wise era na altura o seu responsável e mais 45 funcionários, conforme assinala o *Anuário Comercial* em 1908⁷.

O pároco da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios chamava-se Rafael dos Santos Saraiva. O estabelecimento de ensino misto situava-se num edifício alugado na mesma rua do quartel dos bombeiros e em 1912 inaugurava-se o Colégio Luso-Inglês⁸. A Sociedade Recreativa e Musical de Carcavelos, que até 1912 se denominou de Sociedade União Capricho Carcavelense⁹, tinha como diretor Emídio Francisco de Almeida, um dos maiores representantes do republicanismo em Carcavelos e a sua direção na sociedade comungava certamente dos mesmos ideais.

O dia 2 de julho de 1911 foi um dia especial para a população. Inaugurava-se em Carcavelos a Estação de Serviço contra Incêndios n.º 3, secção da corporação de Cascais, sob o comando do comandante Joaquim Teotónio Segurado, ficando «apetrechada com o seguinte material: um carro de quatro rodas de tração braçal ou animal com bomba de dois jatos, escadas diversas, mangueiras, ferramentas, baldes de lona, etc., podendo acudir a outros pontos distantes pela circunstância de se lhe poder atrelar uma parelha de cavalos»¹⁰.

⁵ Cf. *Ibidem*, pág. 114.

⁶ Testemunho de um informante com 94 anos, nascido e criado em Carcavelos.

⁷ Henriques, João Miguel, *Cascais – Do final da Monarquia ao alvorecer da República (1908-1914)*, Edições Colibri, Câmara Municipal de Cascais, Lisboa, 2001, pág. 114.

⁸ Cf. *Ibidem*, pág. 115.

⁹ Cf. *Ibidem*, pág. 116.

¹⁰ *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Cascais. Cem anos de Vida – 1886-1986*, compilação de Manuel Eugénio Fernandes da Silva, Cascais, 1986, pág. 30.

Carcavelos viu assim concretizado um sonho há muito desejado pelos munícipes, dado que havia inúmeros incêndios nas localidades do concelho e era difícil acudir de forma rápida só com o auxílio da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Cascais. Passados uns meses da implantação da I República, cinco Estações de Serviço contra Incêndios inauguraram-se no concelho. Uma foi a de Carcavelos, no prédio onde está sediada a Continsol, que vende tintas. Estes equipamentos ilustravam assim as mudanças de regime que se faziam notar não só nesta região como também a nível nacional, entre elas: o descanso semanal obrigatório ao domingo, a lei do divórcio, a criação do registo civil, o fim do juramento religioso nos tribunais, a reorganização da instrução primária, o escudo a substituir o real, a primeira sessão da Assembleia Nacional Constituinte Portuguesa, com deputados eleitos, que em 16 de junho proclamou oficialmente a República e em 21 de agosto promulgou a Constituição da mesma. Nesse mesmo ano esta assembleia deu lugar à primeira legislatura portuguesa. Portugal estava a viver uma nova era e queria que as populações tivessem garantidas as regalias de cidadãos de pleno direito.

Em cada Estação de Incêndios foram alistados como bombeiros voluntários indivíduos de várias profissões e que tinham de dar provas de agilidade, força física, dedicação e generosidade. Nessa mesma estação era-lhes dada formação adequada ao cargo que iam exercer. Em 1912, a Estação de Incêndios de Carcavelos pôe à prova os ensinamentos adquiridos e apoia a estação da Parede no combate a um grande incêndio num armazém de lenha, junto de uma padaria de Bernardino Fafaiol¹¹. Este incêndio foi combatido com grande esforço sob o comando do subchefe Emiliano Xavier.

A persistência dos carcavelenses e a benemerência de outros filhos da terra fizeram com que no dia 13 de janeiro de 1913 se inaugurasse o novo quartel de bombeiros. Júlio Ernesto Moreira da Silva, já falecido na altura, tinha mandado construir este novo edifício, destinando o rés-do-chão para quartel de bombeiros e o primeiro

¹¹ *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Cascais. Cem anos de Vida – 1886-1986*, compilação de Manuel Eugénio Fernandes da Silva, Cascais, 1986, pág. 31.

andar para sede da Sociedade Recreativa e Musical¹². A viúva presente, Ermelinda Sales Moreira da Silva, em memória do seu marido atribuiu sempre uma renda simbólica às duas instituições. Coube ao comandante Joaquim Teotónio Segurado fazer o discurso de ocasião salientando as qualidades dos beneméritos. Estava presente o corpo de bombeiros voluntários da Estação de Incêndios n.º 3 de Carcavelos e o seu chefe, Aires Francisco de Almeida. Após a inauguração do quartel, nesse mesmo mês, declarou-se um grande incêndio num prédio da vila, na rua Ferrer¹³. Tendo conhecimento desta ocorrência, os bombeiros, dirigidos pelo chefe Aires Francisco de Almeida, foram de imediato apagar este fogo e como verificaram que ele era de grandes proporções, foi pedida ajuda aos Bombeiros Voluntários da Parede. Só após várias horas de extenuante trabalho o conseguiram dominar por completo. Outro sinistro, em 1915¹⁴, teve a cooperação destes dois postos de incêndios, Carcavelos e Parede. Em conjunto debelaram as chamas que consumiam um prédio pertencente a Francisco Afonso Magalhães e que servia de armazém da firma Silva & C.ª Irmãos, situado na Parede. A Câmara Municipal de Cascais, sempre que tinha conhecimento destas ocorrências e do mérito dos bombeiros ao atacar com heroísmo estes sinistros, mandava louvar as corporações.

As associações voluntárias iam-se estruturando cada vez mais e também pedindo à câmara mais apoios. Em 1923 enviam em conjunto um ofício ao município para que este lhes concedesse luz elétrica nos quartéis de modo a não haver demoras nas saídas à noite, pois os candeeiros de petróleo levavam mais tempo a acender e apresentavam um maior perigo.

¹² *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Cascais. Cem anos de Vida – 1886-1986*, compilação de Manuel Eugénio Fernandes da Silva, Cascais, 1986, pág. 32.

¹³ *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Cascais. Cem anos de Vida – 1886-1986*, compilação de Manuel Eugénio Fernandes da Silva, Cascais, 1986, pág. 33.

¹⁴ *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Cascais. Cem anos de Vida – 1886-1986*, compilação de Manuel Eugénio Fernandes da Silva, Cascais, 1986, pág. 36.

Em 16 de abril de 1924, uma grande mudança estava para acontecer na Associação dos Bombeiros Voluntários de Carcavelos. Reuniram-se na estação:

- Policarpo Roque do Amaral,
- Pompeu Rodrigues,
- José Maria Filipe,
- José Domingos da Silva,
- Francisco Gaspar,
- Miguel Costa,
- António Lúcio da Costa,
- Francisco Augusto,
- Francisco Jorge Caniço Júnior,
- José Teixeira,
- João da Costa Pina Júnior,
- Carlos da Silva e
- Alfredo de Magalhães.

Nesta reunião José Maria Filipe (membro que pertencia igualmente à direção da sociedade, nesta data denominada Sociedade União Capricho Carcavelense, inaugurada a 13 de outubro de 1901) propôs a compra de um livro de atas (até essa data não existia livro de atas das reuniões) e ofereceu-se para ser escriturário. Substituiu o chefe de material e propôs serem nomeados dois clarins para fazerem as chamadas do quartel todas as vezes que fosse necessário reunir. José Maria Filipe exigiu dos camaradas fidelidade e esforço para levar para a frente o bom nome e o andamento da Estação n.º 3 e impôs a saída da corporação a todos aqueles que não estivessem interessados em colaborar¹⁵.

Em 18 de maio de 1924, Policarpo Roque do Amaral, 1.º patrão, propôs um passeio, pago com a verba acumulada, proveniente das multas dos infratores dentro da corporação (faltas, atrasos, etc.). O passeio teria o seguinte itinerário: *partida de Carcavelos, Sintra, Seteais, Penha Longa, Alcabideche, Estoris e regresso a Carcavelos*. Foi por todos aprovado. Teriam então de preparar o gado para poderem

¹⁵ 1.º Livro de Actas da Associação Voluntária de Bombeiros de Carcavelos, pág. n.º 2.

conduzir a viatura da corporação¹⁶ e receber o barril de 33 litros de vinho que o Sr. Payzinho, da Quinta Paulo Jorge, oferecia para o passeio. «*A adega era por baixo da casa Paulo Jorge e ia do pátio da quinta até à estrada nacional.*»¹⁷

Apesar de a estação estar debaixo das ordens da 1.^a secção com sede em Cascais e receber ordens do comandante Joaquim Teotónio Segurado, observamos que nestas atas há já uma tentativa de organização com o fim de conseguir mais e melhor para esta corporação com alguma independência, como o colaborar ativamente em festas da vila e angariar fundos para comprar um carro de pronto-socorro que também serviria de carreta funerária.

Em 1920, segundo os censos, os fogos tinham decrescido, passando de 185 para 75 e a população de 969 para 457. Também tinha decrescido o número de habitantes de outros locais fora do distrito, passando de 274 para 79, certamente devido à Grande Guerra, à Pneumónica e, ainda à turbulência originada por uma mudança de regime que se tornou instável devido a divergências internas entre os mesmos republicanos que fizeram a revolução de 5 de outubro de 1910. Até 1926, houve sete parlamentos, oito Presidentes da República e 45 governos, nos quais algumas vezes o primeiro-ministro durava pouco mais do que um mês a governar. Carcavelos, como todo o Portugal, ressentiu-se desta situação. A emigração, que desde o século XIX diminuía a população no território português, aumentou e muito a partir de 1910 e principalmente em 1919 e 1920, o que justificará a diminuição de fogos em Carcavelos, segundo os censos nessa data. Mas não era só a emigração a causar a diminuição demográfica, a participação dos soldados portugueses na Primeira Guerra Mundial veio a resultar em muitas vítimas mortais e muitos incapacitados. Como acontece em todas as épocas em período de crise, o campo desertifica-se e as populações famintas correm para os grandes centros urbanos, procurando emprego. As epidemias de 1918 e 1919, chamadas de «pneumónica» ou «gripe espanhola», também provocaram uma mortandade em massa.

¹⁶ 1.^o Livro de Actas da Associação Voluntária de Bombeiros de Carcavelos, pág. n.º 2 v.

¹⁷ Testemunho de uma informante que viveu em criança numa casa que era do Sr. Payzinho.

Os Bombeiros de Carcavelos e a sua Freguesia
– *Contributos para o seu Estudo 1911-1961*, de Ana Duarte Baptista Pereira
Cascais Editora, Cascais, Julho de 2011

Capa Maia Moura Design
Impressão Rolo & Filhos II, S.A.
ISBN 978-989-96259-2-1 • Depósito Legal 330070/11
(Tel. 212 910 543 • cascaiseditora@gmail.com)

O presente volume é um verdadeiro retrato detalhadamente colorido dos primeiros 50 anos de presença dos bombeiros em Carcavelos. Uma recolha fiel do quotidiano carcavelense e desta associação. As paixões e os ódios, os episódios, as lutas e intrigas, as alegrias e conquistas da comunidade local e, naturalmente, os momentos vividos de forma intensa pelos soldados da paz, pelos corpos dirigentes e associados são aqui relatados de uma forma quase fílmica que nos envolve e apaixona. São pedaços vivos e pitorescos do século XX, de um passado que se vai diluindo veloz no tempo e na memória.

Glória Reino,
Presidente da Direção da AHBVCSDR, in Prefácio

Ana Duarte Baptista Pereira é licenciada em História e mestre em Museologia e Património. Professora desde 1972, em 1982 criou um dos primeiros serviços educativos de museus em autarquias. É autora de inúmeros artigos e acções de formação em museologia, além de responsável por diversas exposições e programações de museus. Publicou diversos livros pedagógicos e de investigação, destacando-se uma obra sobre o vinho de Carcavelos, *A Vinha e o Vinho de Carcavelos: Contributos para o seu estudo*.

